

Currículo Cultural em ação: artistagens, imanência e o nosso dever na diferença...

Marcos Ribeiro

EMEF DOM Pedro I

O relato contará a experiência com o 9º ano B de escola EMEF Dom Pedro I. A prática corporal tematizada foi escolhida com base no Projeto Especial de Ação (PEA) de 2015, intitulado: *Sertão, centro e periferia na Copa do Mundo, entornos possíveis e sujeitos em conflitos*. Partindo dessa temática, da possibilidade do diálogo com a periferia, do mapeamento feito com os alunos e de entender que eles não ainda não haviam acessado conhecimentos alusivos a determinadas modalidades na escola, decidi trabalhar com os esportes radicais, adotando como elemento norteador as práticas corporais presentes na periferia.

Em um primeiro momento coloquei na lousa o tema do (PEA) e expliquei o porquê estava pensando em trabalhar aquela temática. Depois, perguntei o que entendiam por esportes radicais, o que sabiam sobre isso, quais eles conheciam, onde aprenderam, quais os espaços disponíveis no bairro para a prática, e o que pensavam das pessoas que praticam. Os alunos citaram algumas manifestações que entendiam fazer parte dos esportes radicais como bicicleta, skate, *slackline* e patins. Pedi, então, para que na próxima aula eles trouxessem alguns materiais utilizados para praticar essas manifestações.

Na aula seguinte um dos alunos trouxe uma bicicleta, questionei-os se eles sabiam a qual modalidade aquela bicicleta pertencia. Diante da negativa, expliquei que era um dos equipamentos necessários para a prática do *mountain bike*. Foi a deixa para iniciarmos o trabalho a partir dessa manifestação da cultura corporal. Nessa mesma aula promovemos situações de vivências: pedi aos alunos que andassem livremente pela escola com a bicicleta de maneira a explorassem o material. No retorno discutimos as possibilidades e formas de andar de bicicleta, cada qual apresentou o que sabia. Apareceram nesse momento diversas formas de andar, um aluno andava normal, outro andava empinando, o outro sabia algumas manobras, outro, ainda, sabia andar de bicicleta puxando no grau, andar de RL¹ e até andar sem as mãos. Também conversamos sobre a competição que à época transcorria na cidade de Santos, onde os atletas descem a grande escadaria de bicicleta. Após as demonstrações, prosseguimos com as vivências.

¹ “Puxar no grau” é o equivalente a empinar a roda da frente. “RL” é o equivalente a empinar a roda traseira.

Na aula seguinte levamos a bicicleta para dentro da sala e, em um primeiro momento, solicitei a um aluno que explicasse aos colegas que não conheciam as possibilidades daquele equipamento. Muitos alunos não sabiam trocar as marchas, nem tampouco a correspondência entre elas, a velocidade e a inclinação do terreno. O conteúdo dessa conversa foi registrado nos cadernos de Educação Física dos alunos e do professor. O segundo momento da aula foi dedicado às vivências. Os alunos trouxeram bicicletas de outras modalidades e após experimentá-las, compartilharam suas sensações.

Na semana seguinte assistimos a um vídeo com técnicas do *mountain bike*: ensinava que para virar a bicicleta é necessário jogar o corpo ao contrário; não se deve acompanhar a inclinação da bicicleta pois se corre o risco de escorregar; ao descer ladeiras, o ciclista deve sair do banco, jogando o corpo para trás. Após a assistência, a turma se deslocou para um amplo espaço no entorno da escola, onde foi possível realizar manobras semelhantes às aquelas do vídeo. Em outra aula, os alunos assistimos ao documentário *The best of mountain bike* e identificaram o estilo *free rider*. O atleta desce uma ladeira realizando manobras características dessa modalidade como 360, *back flip* e *superman*. Pontuei cada técnica, analisando-a e discutindo-a, de maneira a ampliar os conhecimentos dos estudantes acerca da prática.

Na continuidade, os alunos puderam experimentar todas as técnicas e manobras vistas no vídeo, em rampas montadas com pedaços de madeira. No final da aula, um aluno sugeriu que convidássemos uma pessoa do bairro que trabalha com bicicletas. Um professor que estava acompanhando o meu trabalho também sugeriu que eu convidasse uma pessoa conhecida dele, que usava a bicicleta como meio de transporte. Fiz então o convite para os dois. Destaco aqui a importância do mapeamento interno, procedimento que identifica os saberes de alunos, funcionários e professores da escola e que possuem saberes a manifestação tematizada. Isso pode ajudar a compor os conhecimentos acessados durante o estudo.

Algumas crianças não sabiam andar de bicicleta e se mostraram muito resistentes, enquanto outras que não sabiam aprenderam a andar durante as aulas. O material disponível era insuficiente para realizar as vivências de maneira satisfatória, mais isso não impediu a realização do estudo. Às vezes dispúnhamos de três bicicletas, outras, de quatro. Em algumas aulas, separei um momento para que os alunos que não sabiam andar pudessem interagir por mais tempo com o equipamento, enquanto os outros se revezaram nas tentativas de executar as manobras.

Os alunos que não quiseram andar de bicicleta participaram da aula de outras maneiras, seja entrevistando os convidados ou buscando novas informações para compor e engrossar o conhecimento de todos. A avaliação do trabalho se deu a partir da análise dos registros escritos.

Finalizamos a etapa da *mountain bike* e passamos a estudar o *slackline* (modalidade em que os praticantes utilizam uma fita amarrada em dois pontos fixos e equilibrando-se sobre ela, realizam acrobacias). Em um primeiro momento levei o material para a sala e fiz um levantamento dos conhecimentos dos alunos. Muitos já haviam visto pessoas praticando no bairro, na televisão, mas não sabiam ao certo do que se tratava. Montei o equipamento e deixei-os explorarem o material. Inicialmente, o desafio que se propuseram foi percorrer a fita equilibrando-se, sem cair.

Na aula seguinte apresentei um vídeo que ensinava as manobras básicas como o Buda (sentar na fita) e outras técnicas. Como havia feito uma pesquisa pessoal sobre o tema na internet, ao longo do vídeo pude explicar cada manobra. Diante das informações obtidas, durante duas aulas estimulei os alunos a experimentarem as novas técnicas.

Levei então um outro vídeo que explicava as diferentes modalidades do *slakeline*. Destaquei algumas situações e espaços para a prática, além das diferenças nas manobras. O vídeo também mostrava uma competição, o que permitiu estabelecer comparações entre a prática por lazer e a competitiva. Dedicamos mais duas aulas às vivências.

Uma terceira modalidade radical que havia surgido no mapeamento foi o skate. Iniciei o trabalho levando um skate para a escola e pedi que me dissessem o que sabiam sobre a prática, quem são as pessoas que dela participam e o que pensam sobre ela. Obtive o silêncio como resposta, o que me levou a modificar as perguntas e pedir que identificassem as partes que compõem o skate. Os estudantes relacionaram o *shape*, as rodinhas e o *truck*.



Questionei também a diferença entre os skates e perguntei se eles sabiam o motivo. Ninguém se apontou. Apresentei algumas explicações. Passamos a conversar sobre manobras, ocasião em que alguns alunos disseram conhecer o *ollie* e *ollie flip*. A partir daí, fomos à quadra para que explorassem o material e realizassem as primeiras vivências. Até então, dispúnhamos apenas do equipamento que eu havia levado, o que obrigou os alunos a se revezarem. Alguns arriscaram algumas manobras simples. Fechamos a aula com uma roda de conversa sobre as formas de andar de skate e chegamos à conclusão da existência de três formas de andar, em pé, sentado e deitado. .

Na aula seguinte recebemos um ciclista, pois tivemos um problema com a data que ele poderia ir à escola, o que nos fez avançar para o *slackline* e o skate, recebendo o convidado quando o trabalho com a *mountain bike* já havia se encerrado. Como essa atividade era muito importante, retomamos a discussão sobre a temática. A conversa foi bem interessante. Durante duas aulas, ele nos disse porque anda de bicicleta, há quanto tempo anda, como planeja seu trajeto e o que o levou a abrir mão do automóvel. Ele explicou que para montar um trajeto primeiro consulta o Google Maps, a fim de conhecer melhor as alternativas e evitar as vias muito movimentadas. Também explicou os benefícios de andar de bicicleta, algumas políticas de governo nessa direção e a diferença entre ciclovia e ciclofaixa. O convidado também relatou as viagens que fez de bicicleta. O registro da entrevista foi feito no meu caderno.

Na outra aula conversei com a turma a respeito da entrevista. Eles pontuaram a questão das ciclovias e ciclofaixas, a importância de escolher uma bicicleta de acordo com o terreno, entre outras questões. Perguntei então se eles sabiam porque o governo incentivava o uso desse meio de transporte e eles disseram que não. Expliquei-lhes alguns dos interesses oficiais por trás das políticas públicas relacionadas ao uso da bicicleta, principalmente, a produção discursiva sobre a saúde. Trata-se de uma política neoliberal que visa mascarar as mazelas sociais, os desvios de verbas e a falta de investimento. Em outros termos, é a implementação de uma biopolítica que influencia no governo de si e do outro.

Na continuidade, retomamos o trabalho sobre o skate. Assistimos a dois vídeos sobre essa prática corporal, um que mostrava as manobras básicas e o outro contendo uma entrevista com um profissional amputado. Adotei essa estratégia para desfamiliarizar as representações que os alunos possuíam sobre os praticantes da modalidade: jovens habilidosos. No início, pensaram ser impossível alguém que não possui as duas pernas andar de skate. Após discutirmos o assunto e relembrarmos as formas de andar de skate que eles próprios haviam experimentado, perceberam que a modalidade podia ser adaptada às condições de cada um. Ademais, os alunos observaram que se tratava de um atleta dedicado, que treina muito para conseguir executar as manobras. O vídeo serviu de inspiração para novas vivências e experimentação de outras técnicas.



Na aula seguinte a turma tomou contato com outros conhecimentos: apresentei-lhes materiais que descreviam os tipos de skates, onde utilizá-los e os significados que possuíam. Partindo de questionamentos sobre quem são as pessoas que andam de skate, os alunos salientaram a existência de grupos que se distinguem através de vestimentas. Selecionei e apresentei um vídeo que narrava o ponto de vista dos skatistas punks, dos gângsteres e as diferenças entre eles, desde os trajes até as músicas que curtem, passando pela gestualidade durante a prática. Os primeiros preferem a música punk e punk rock, usam roupas apertadas e andam de skate em velocidade. Os skatistas gângsteres escutam rap, usam roupas largas, geralmente andam mais devagar, embora sejam mais técnicos. Um dos alunos que anda de skate que também existem os skatistas rastafáris, que preferem a música reggae.

Assistimos também ao documentário *Vidas sobre rodas*. Nessa atividade discutimos as questões políticas que envolveram os skatistas dos anos 1980, durante a transição da ditadura para a democracia, ocasião em que a polícia tomava os skates dos garotos a mando do Prefeito da época, Jânio Quadros, com a justificativa que a prática era proibida na via pública e que os seus representantes não passavam de arruaceiros. Advém daí a construção discursiva que ajudou a sociedade a atribuir significados pejorativos aos skatistas, vendo-os como marginais.

Perguntei aos alunos se eles já haviam vivenciado o skate em outros espaços, de outras formas. Muitos disseram que alguns games tinham o skate como tema. Foi o que fez surgir a ideia de organizar algumas vivências de videogame na escola. O interessante é que quem trouxe o aparelho foi um aluno visto como indisciplinado e desinteressado. Não obstante, nas aulas de Educação Física que tematizaram os esportes radicais, ele participou ativamente, envolvendo-se e contribuindo com seus conhecimentos de maneira bastante efetiva.



Finalizando a vivência com o videogame, realizamos uma avaliação aberta e coletiva. A turma foi dividida em três grupos e pedi que discutissem e registrassem o que haviam aprendido sobre o skate, a *mountain bike* e o *slackline*. Em seguida, os grupos foram convidados a apresentar os resultados dessa discussão com o restante da turma e, posteriormente, reuniram-se novamente para completar os registros com informações que consideraram relevantes e que haviam sido apontadas pelos outros grupos. Eu também fiz anotações do que foi mencionado para obter uma visão mais acurada dos efeitos do processo.

Não houve, em momento algum, questionamentos acerca do gênero. Simplesmente ninguém se posicionou sobre a participação de meninos e meninas nas modalidades radicais, diferentemente do que ocorrera com outras práticas corporais. Por esse motivo, tomei o cuidado de não levantar uma discussão que não existia até então. Considerei que o fato mereceria ser problematizado apenas se fosse sinalizado pelo grupo. Merece destaque a participação significativa da turma para além da simples execução dos procedimentos técnicos.

Assim foi artastado o presente projeto didático que tematizou os esportes radicais. No dia a dia, na escrita-currículo que escapa às amarras de um plano precedente à realização das aulas. A Educação Física cultural leva a repensar nossas propostas, maneiras de ver a educação e os discursos sobre os temas abordados. A artistagem caminhou no sentido aberto, rizomático, único, dialogando com a diferença, com o Outro, com a periferia, com o Projeto Pedagógico, com a comunidade, com os processos

discursivos repressores, com o skatista, ciclista, com as incertezas, com a maquinaria escolar, com o currículo vagabundo. E isso se dá por meio de uma concepção rizomática de conhecimento, no devir diário de intelectual militante que busca inspiração na Filosofia da Diferença.

Durante a tematização, os estudantes vieram para a escola de bicicleta e skate. E até hoje é assim. Depois disso se mobilizaram junto à gestão da instituição e agora, no intervalo, conseguiram um espaço para vivenciarem essas manifestações da cultura corporal, tornando o ambiente que lhes pertence um pouco mais agradável e familiar.